

# SEGUIMOS FORTES

**TRABALHO, COMPETÊNCIA E TECNOLOGIA SÃO A BASE DA CONSTRUÇÃO DO FUTURO AGRO E MANTÊM O SETOR ROBUSTO DIANTE DOS DESAFIOS**

**NATÁLIA PONSE, DE CASA**  
 natalia@ciasullieditores.com.br

**E**m mais uma reunião via *streaming*, realizada em junho, a Asbram apresentou as razões pelas quais o agronegócio se mantém firme diante das intempéries econômicas, políticas e sanitárias. Em uma palestra para 94 pessoas, o economista José Roberto Mendonça de Barros justificou este cenário dizendo que em todos os seus segmentos, incluindo especialmente a cadeia de proteínas, há uma recompensa pelos 40 anos de progresso tecnológico que dão mais produtividade e resistência ao setor.

“Não que esteja isento de dificuldades, ao contrário, é impossível atravessar sem nenhum arranhão um período tão complicado quanto

esse. Mas, o progresso passado deu ao agronegócio a resistência para enfrentar essa situação difícil trazida pela pandemia”, pontuou.

O especialista destacou que, durante a pandemia, a posição brasileira só se tornou mais forte porque o País conseguiu suprir o mercado internacional com volumes ainda maiores e começou a ser cada vez mais visto como um fornecedor confiável, ou seja, a demanda de alimentos continuará com toda força e teremos bastante agilidade nessa resposta.

No entanto, José Roberto alertou sobre a convergência de três crises (sanitária, de emprego e quebra de empresas). Segundo ele, esses desafios devem levar o Brasil a um momento crítico por volta de setembro, necessitando do Ministério da Economia uma posição mais clara em relação à estratégia de retomada do crescimento econômico.

“Temos pioras na área fiscal, uma paralisação de investimentos e há um orçamento para ser montado. Dependendo da qualidade dessas respostas, poderemos ter um ano mais construtivo em 2021”, definiu.

Nessas circunstâncias, o economista indicou que a melhora da demanda interna seria claramente favorável a uma elevação na demanda de carnes como um todo, especialmente daqueles cortes mais nobres, os quais vêm sofrendo com a falta de renda e o receio das pessoas: “Se a resposta da política econômica

ca à essa convergência de crise for positiva, isso pode ser bom para a proteína animal”.

A vice-presidente da associação, Elizabeth Chagas, disse acreditar em uma maior sensibilização das pessoas em relação ao meio ambiente, optando por vidas mais simples. “Além disso, haverá maior automação e empresas se preocupando ainda mais com seus clientes”, frisou e acrescentou: “Companhias brasileiras exportadoras precisam ter compromisso com a entrega, qualidade, modernidade e agregar gente jovem comprometida com o novo e a modernidade ao time”.

Voltando ao agronegócio em si, Elizabeth avalia o momento com otimismo: “Estamos construindo nosso futuro com muito trabalho, competência e tecnologia há algum tempo. Nos últimos dois anos pavimentamos a estrada que caminhamos hoje, mas temos que continuar construindo essa estrada todo dia, mesmo no meio dessa crise que paralisa a sociedade”.

O presidente da Asbram, Daniel Guidolin, concorda e aponta que a caminhada segue pautada em união: “Seguimos trabalhando muito para sermos ouvidos sobre nossas pautas e contamos com todos os nossos associados, pois nesse momento é fundamental nos mantermos unidos”.

Agora, mais do que nunca, ele ressalta a importância da união dos associados em um setor pulverizado. “Com isso, conseguimos defender os interesses da pecuária, que são muitos e diferentes, já que este é um país de proporções continentais”, enfatiza.

No painel de estatísticas da Asbram, o economista e professor da FGV, Felipe Cauê Serigati revelou uma expansão de 4,4% nas vendas de suplemento mineral, no comparativo a maio de 2019. Essa ampliação não foi generalizada: pronto para uso (-0.7%), proteico energético (-11.5%) e concentrado (-2.9%) apresentaram contração; enquanto proteico (+19%), ureia (34.1%) e núcleo (9.3%) puxaram o índice para cima.

Os dados ainda mostram forte crescimento também no acumulado no ano (7.5%), puxado igualmente por pronto para uso, proteico e núcleos. Além disso, o número de animais suplementados aumentou 4,7% em maio de 2020 (quando comparado ao mesmo mês de 2019), totalizando aproximadamente 63.2 milhões de cabeças. No acumulado do ano, o tamanho do rebanho suplementado também tem crescido (+6.7%).

“O que justifica esses bons números, no agregado, é a conjuntura favorável para o setor: exportações em alta (no acumulado no ano, expansão de 23%); preços em patamares razoáveis (desde novembro de 2019, a arroba do boi gordo opera em acima de R\$ 190/@); além de chuvas mais escassas em algumas regiões do País”, explicou Felipe. ■



**O PROGRESSO PASSADO DEU AO AGRONEGÓCIO A RESISTÊNCIA PARA ENFRENTAR ESSA SITUAÇÃO DIFÍCIL TRAZIDA PELA PANDEMIA**

**JOSÉ ROBERTO MENDONÇA DE BARROS, ECONOMISTA**